

Literatura e ecologia: perspectivas antropocêntricas e ecocêntricas nos contos “The deluge” e “Daughter earth”

Delzi Alves Laranjeira

Desde o surgimento da ecocrítica como um campo transdisciplinar, notadamente a partir dos anos 1990, narrativas literárias que lidam, explicitamente ou não, com questões ecológicas e ambientais, foram escrutinadas para transmitir como “as artes da imaginação (...) podem contribuir significativamente para a compreensão dos problemas ambientais (...) que afligem o planeta Terra hoje” (BUELL *et al.*, 2011, p. 418).¹ O uso difundido do termo “antropoceno” para descrever “a nova era em que os humanos entraram, na qual representam uma força geológica perigosa” (KAPLAN, 2016, p. 1)², define a importância da responsabilidade

1 As traduções de todos os textos em língua estrangeira são de minha autoria e responsabilidade.

No original: *the arts of imagination (...) can contribute significantly to the understanding of environmental problems (...) that afflict planet Earth today.*

2 No original: *the new era humans have entered in which they represent a dangerous geologic force.*

humana em relação à biosfera do planeta. Assim, como observou Clark (2015, p. 8), a ecocrítica não se configura apenas como mais uma perspectiva sobre a crítica literária, “ela se envolve provocativamente tanto com a análise literária, quanto com questões que são simultaneamente, mas de forma obscura, assuntos da ciência, moralidade, política e estética”³. Essas interfaces levam a um necessário embaralhamento das fronteiras entre as ciências sociais, naturais e humanidades, mesclando seus discursos a fim de ampliar nossa compreensão das complexas conexões entre construções socioculturais e questões científicas, ecológicas e ambientais.

A narrativa literária é um dos espaços onde esses encontros multidisciplinares ocorrem, uma vez que obras de ficção também exploram as formas como nos relacionamos com o mundo não humano ao nosso redor. Para Buell *et al.* (2011, p. 418), obras literárias que abordam questões ambientais não podem, por si sós, promover mudanças necessárias em políticas e práticas relacionadas ao impacto das ações humanas nos ecossistemas, porém “a reflexão sobre obras da imaginação pode suscitar um profundo interesse sobre as consequências (...) [dos danos ambientais] e possíveis alternativas para mitigá-los”⁴. Os estudos ecocríticos tornaram-se, assim, uma orientação para a análise e discussão

3 No original: *it engage[s] provocatively both with literary analysis and with issues that are simultaneously but obscurely matters of science, morality, politics and aesthetics.*

4 No original: *reflecting on works of imagination may prompt intensified concern about the consequences of (...) [environmental harm] and possible alternatives to [mitigate] them.*

de temáticas ambientalistas e ecológicas, tecendo uma rede de relações com diversos campos do conhecimento. Como observa Oppermann (2011, p. 16), os estudos ecocríticos abarcam

um complexo conjunto de ideias derivadas dos estudos culturais e literários, das ciências e dos estudos sobre os animais, ecofilosofia, ética ambiental e história, movimentos de justiça ambiental, ecofeminismo, sociologia e psicologia e estudos sobre a globalização, entre outros campos acadêmicos⁵.

As questões discutidas nesse âmbito (dentre muitas outras) incluem a interação do humano com o não humano, a supremacia de uma visão antropocêntrica que coloca o ser humano em uma escala superior às outras formas de vida e à matéria inanimada, e a adoção de uma visão ecocêntrica, a qual defende que tudo que existe sobre a Terra é de igual valor, portanto a exploração, degradação e destruição dos ecossistemas pelo ser humano representam um desrespeito moral ao planeta e a todos que nele vivem.

Os contos do escritor americano James Morrow, “The deluge” e “Daughter earth”⁶, chamam a atenção para algumas dessas questões. A reescrita do relato bíblico do dilúvio

5 No original: *a complex set of ideas derived from cultural and literary studies, science and animal studies, ecophilosophy, environmental ethics and history, environmental justice movement, ecofeminism, sociology and psychology, and globalism studies, among other academic domains.*

6 Os contos fazem parte da coletânea *Bible stories for adults*, publicada em 1996. Referências posteriores aos textos são dessa edição. Os títulos serão abreviados TD e DE, respectivamente.

em “The deluge” interroga as ações divinas e humanas em uma catástrofe de enormes proporções. Nesse conto, podemos perceber uma visão teocêntrica, relacionada à maneira como a divindade considera sua própria criação, e uma antropocêntrica, que diz respeito às formas como os seres humanos se consideram em relação ao meio em que se encontram. “Daughter earth”, por sua vez, traz à tona a ideia imbuída na teoria de Gaia, de Lovelock, que define Gaia como “uma entidade complexa envolvendo a biosfera e a atmosfera terrestres, os oceanos e o solo; a totalidade que constitui um sistema de *feedback* ou cibernético que busca um ambiente físico e químico ideais para a vida neste planeta” (2000, p. 10)⁷. Morrow propõe uma metáfora direta para enfatizar como devemos nos engajar para considerar Gaia, ou a biosfera em que habitamos, como algo a ser carinhosamente cuidado, ao retratar a história de um casal que concebe, dá à luz e cria uma pequena biosfera. Ambas as histórias, portanto, podem ser abordadas de forma a investigar como elas se articulam com perspectivas ecocríticas no que diz respeito às concepções antropocêntrica e ecocêntrica.

7 No original: *as a complex entity involving the Earth's biosphere, atmosphere, oceans, and soil; the totality constituting a feedback or cybernetic system which seeks an optimal physical and chemical environment for life on this planet.*

“Eu vou destruí-los junto com a terra”: ira divina e antropocentrismo restrito em “The deluge”

O relato da inundação em Gênesis 6 a 9 conta como Deus destrói a vida no planeta, trazendo “as águas sobre a terra” (Gn 6:17), poupando apenas Noé, sua família e casais de todos os animais. É a representação de uma catástrofe voluntariamente enviada por Deus por várias razões: perversidade, maldade, violência e corrupção da humanidade. Como o responsável por inundar a biosfera, Deus pode ser considerado o assassino não só da humanidade, mas também de todas as outras espécies, e Noé, seu cúmplice em assassinato em massa. Essa é uma interpretação bastante subversiva de ambos, que, de algum modo, despe esses personagens da sacralidade conferida pelo texto bíblico.

Calamidades relacionadas a fenômenos como as condições climáticas, os movimentos da litosfera ou do leito oceânico e as mais raras, como as quedas de meteoritos, ocorrem de tempos em tempos em todo o planeta. Enchentes, juntamente com erupções vulcânicas, terremotos, furacões e tsunamis foram responsáveis por grandes cataclismos, com consequências terríveis para a vida e o meio ambiente. Isso ajuda a explicar por que as reminiscências de grandes inundações sobrevivem como mitos poderosos em gama de culturas, tais como como a narrativa judaico-cristã em Gênesis, bem como em tradições não ocidentais, como as culturas babilônica, assíria e indiana. As histórias de

Deucalião, filho de Prometeu e de Gilgamesh, herói de um antigo épico babilônico, são exemplos famosos.

A Bíblia, como afirma Northrop Frye (1973, p. 142), tem uma enorme influência na literatura ocidental como “a fonte principal de mito não deslocado em nossa tradição”. Embora as narrativas sobre dilúvios variem em detalhes, elas mantêm um núcleo comum: uma divindade envia uma grande inundação e apenas algumas pessoas, por causa de suas qualidades ou comportamento, sobreviverão e terão a missão de recomeçar a história da humanidade. No relato bíblico, Noé “era um homem justo, foi íntegro no meio das gerações de seu tempo. Seguiu os caminhos de Deus” (Gn 6: 9) e por isso foi poupado, juntamente com sua família e os pares de animais. Deus, com sua onipotência, tudo pode fazer e suas ações nunca são questionadas, mesmo resultando na quase extinção da vida na terra. Ao reescrever o mito do dilúvio com um olhar contemporâneo, Morrow o reescreve de forma a investigar as ações humanas e divinas envolvidas no evento da grande inundação.

A narrativa bíblica é muito concisa em sua descrição do que o dilúvio significou em termos de destruição, mas o efeito não é menos terrível:

Com a cheia das águas que recobriram as montanhas, expirou toda a carne que rastejava sobre a terra, pássaros, animais grandes, animais selvagens, todos os animaizinhos que pululam sobre a terra, e todo o homem. (...) Assim o Senhor apagou todos os seres da superfície do solo, homens, animais grandes,

animais pequenos, e até os pássaros do céu. Foram apagados, só restou Noé e os que estavam na arca (GN 7: 20-21,23).

A versão de Morrow segue o enredo básico da história bíblica, mas a narrativa é complementada de forma a estabelecer o questionamento das ações de Deus, bem como as dos humanos. Primeiro, ele insere um novo personagem na história, Sheila, a sobrevivente inesperada, além daqueles que estavam na arca. Em segundo lugar, a narrativa apresenta o relato de como Noé administrou a arca durante o dilúvio. Apresentado no formato de um diário de bordo, o relato de Noé é mesclado com a narrativa em terceira pessoa, permitindo ao leitor conhecer os detalhes do que aconteceu dentro da arca, um aspecto que a economia do texto bíblico nunca fornece. O diário de bordo de Noé permite ao leitor conhecê-lo melhor e também esclarece as motivações para suas decisões e ações ao longo da narrativa⁸.

Assim, o Noé de Morrow segue de perto a narrativa bíblica. Ele também baseia suas ações nas instruções de Deus: constrói a arca, insere nela os casais de animais, alimentá-los e é o gerente do plano de Deus para um novo começo. Embora ele e sua família vivam literalmente em estreita

8 A narrativa de Noé parece funcionar também como um elemento cômico no conto, por ser facilmente identificada como uma paródia dos diários de bordo do Capitão Kirk na série televisiva *Star trek (Jornada nas Estrelas)*, exibida de 1966 a 1969. Assim como a arca de Noé navega nas águas do dilúvio, a espaçonave USS Enterprise navega pelo espaço em busca de novos mundos. Morrow, que é reconhecido por suas histórias de ficção científica, não deixa de estabelecer essa irônica ligação no conto.

comunhão com os animais, o discurso de Noé demonstra como ele os considera seres inferiores. O uso que faz do nome científico das espécies, que pode ser interpretado como uma paródia irônica da imagem de Adão nomeando aleatória e arbitrariamente as coisas e animais no Jardim do Éden, muda o discurso religioso para o científico, marcado pela precisão taxonômica, porém igualmente antropocêntrico, por continuar mantendo a prevalência do olhar humano sobre as demais formas de vida:

Yahweh não disse nada sobre sobreviventes. Ainda esta manhã nos deparamos com dois. O *Testudo marginata* não apresentava problema. Temos tartarugas suficientes, todas as duzentas e vinte e cinco espécies, de fato, Testudinidae, Chelydridae, Platysternidae, pode escolher. Animais imundos, intragáveis, inúteis. Nós o deixamos para o dilúvio. Logo ele vai nadar até a morte.

O *Homo sapiens* era uma outra história. Assustada, delirante, ela se agarrou à canoa quebrada como uma preguiça abraçando uma árvore (TD, p. 4)⁹.

De acordo com o julgamento de Noé, a decisão de deixar o *Testudo marginata* para morrer no dilúvio é a decisão correta, já que os exemplares existentes na arca garantem

9 No original: *Yahweh said nothing about survivors. Yet this morning we came upon two. The Testudo marginata posed no problem. We have plenty of turtles, all two hundred and twenty-five species in fact, Testudinidae, Chelydridae, Platysternidae, you name it. Unclean beasts, inedible, useless. We left it to the flood. Soon it will swim itself to death. The Homo sapiens was a different matter. Frightened, delirious, she clung to her broken canoe like a sloth embracing a tree.*

a sua sobrevivência. O desprezo de Noé por esses animais é expressamente declarado. Sua visão antropocêntrica é endossada quando ele se dirige a Sheila: ela era “outra história”, ou seja, como ser humano ela deve ser considerada de maneira diferente de um animal. A atitude de Noé demonstra a visão bíblica da supremacia humana sobre os animais, evidenciada em Gênesis 1: 26-28 e Salmos 8:4-8, por exemplo. Deus autoriza os humanos a usar animais para comida, roupas, comércio e propriedade. Ele criou o ser humano à sua imagem, não os animais. Assim, eles podem ser mortos, usados e explorados para servir às necessidades humanas. O humanismo “transformou-se em um discurso de verticalidade e poder” (IOVINO, 2016, p. 13) em relação ao não humano, e Noé torna-se um digno representante de tal discurso em “The deluge”. Sheila, ainda que encaixada na categoria dos corrompidos, está acima das tartarugas na hierarquia de Noé, e é ela quem recebe uma segunda chance.

A natureza maligna do ser humano como a causa do dilúvio em Gênesis se tornou um truísmo que endossou a ideia de que Deus destruiu a vida na Terra como uma forma de punição. Sob essa ótica, a narrativa bíblica se ajusta ao comentário de Rigby (2015, p. 3-4) sobre como as pessoas entenderam os desastres naturais, explicando-os a partir da maneira como as pessoas se comportavam e pela reação da divindade a esse comportamento. O texto em Gênesis é claro a esse respeito, com o próprio Deus declarando sua decisão de destruir a vida na Terra devido à iniquidade da humanidade: “O Senhor viu que a maldade do homem se multiplicava: o dia todo seu coração não fazia outra coisa

senão conceber o mal” (Gn 6:5). Após essa constatação, ele informa a Noé sobre sua decisão: “Para mim chegou o fim de toda a carne! Pois, por causa dos homens, a terra está repleta de violência e eu vou destruí-los junto com a terra” (Gn. 6:13). De acordo com Rigby (2015, p. 3), o “paradigma da punição [persistiu] até o século XIX (e entre os literalistas bíblicos, mesmo além)”¹⁰, para explicar as ocorrências de desastres. O progresso científico, no entanto, mudou a maneira como as catástrofes eram vistas, tirando das vítimas o ônus de explicar “o que elas deveriam ter feito para merecer tal desprezo divino” (RIGBY, 2015, p.4)¹¹.

Em “The deluge”, a ideia do dilúvio como castigo de Deus permanece, mas sujeita a críticas. O início da história chama a atenção para as consequências da decisão divina, retratando um cenário de morte e destruição: “Leve seu copo até o mar Cáspio, mergulhe e beba. Nem sempre ele teve gosto de sal. O massacre pelas águas de Javé pode ter purificado a terra, mas deixou seus mares em ruínas, salgados pelo sangue pagão e as lágrimas de órfãos perversos”(TD, p. 1)¹². A caracterização dos órfãos como “perversos” soa contraditória e irônica, sugerindo que a morte da humanidade baseada na certeza de Deus de que todos, menos Noé, eram malignos, transmite, de alguma forma, a ideia de que ele fez um julgamento apressado.

10 No original: *punishment paradigm [persisted] well into the nineteenth century (and among biblical literalists, even beyond).*

11 No original: *what they must have done to earn such divine disfavor.*

12 No original: *Take your cup down to the Caspian, dip, and drink. It did not always taste of salt. Yahweh’s watery slaughter may have purified the earth, but it left his seas a ruin, brackish with pagan blood and the tears of wicked orphans.*

Além disso, incluiu todos os não humanos no pacote dos condenados, enfatizando a injustiça da decisão.

Estudiosos têm apontado o comportamento beligerante e instável do Javé bíblico, principalmente na Bíblia hebraica (MILES, 1996; KERMODE, 1997). Lá, a divindade é caprichosa e propensa à punição, uma característica que contrasta vividamente com a ideia de um criador amoroso e zeloso. Frymer-Kensky (1988, p. 68) observa que a visão generalizada do dilúvio como punição é problemática,

não só porque questiona o direito de Deus de punir todos os animais pelos pecados do homem, mas também por levantar a séria questão do direito de Deus de punir a humanidade nesse caso: se o homem possui a tendência para o mal e se ele não é controlado e direcionado pelas leis, como ele pode ser punido por simplesmente seguir seus próprios instintos?¹³

A necessidade do dilúvio, na interpretação de Frymer-Kensky (1988, p. 71), não foi primordialmente uma punição, mas uma maneira de resolver o problema do mal e “[começar] novamente com um [mundo] bem limpo e purificado”¹⁴, embora ele reconheça que o afogamento

13 No original: *not only raises the question of God's right to punish all the animals for the sins of man, but also raises the serious issue of God's right to punish man in this instance at all: if man has evil tendencies and if he has not been checked and directed by laws, how can he be punished for simply following his own instincts?*

14 No original: *[start] again with a clean, well-washed one.*

compulsório dificilmente pode ser encarado como algo aprazível.

Seja como um meio de punição ou purificação, na versão de Morrow, a sobrevivência de Sheila ao dilúvio é irônica, uma vez que torna o plano de Deus para regenerar e punir a humanidade, inútil. O modo pelo qual ela é retratada claramente a insere na categoria dos perversos, impuros e pecadores: “Sim, Sheila é completamente corrompida naqueles dias, sua maçã é lar de muitos vermes, a lista de seus pecados tão longa quanto o Arax. Ela é gulosa e desleixada. Ela vende seu corpo. Seus abortos chegam a onze ”(TD, p. 2)¹⁵. Sheila está ciente de que pertence aos iníquos, ainda assim luta por sua sobrevivência, desafiando a decisão de Deus de eliminar toda a carne corrompida. Resgatada pela tripulação da arca após um polêmico debate entre os membros da família de Noé, após recupear-se das agruras do dilúvio, Sheila planeja sua fuga ao ficar ciente da decisão de Noé de que ela deve morrer para cumprir o veredito divino. Depois de escapar da arca no bote salva-vidas, grávida e carregando a “semente” dos filhos de Noé para garantir a sua linhagem da espécie humana, ela observa, ironicamente, que “[s]e as coisas correrem de acordo com seu plano, Javé terá que enviar outro dilúvio” (TD, p. 14)¹⁶. Novamente as motivações de Deus são criticadas: se o mal ainda permanece no mundo,

15 No original: *Yes, Sheila is thoroughly foul in those days, her apple home to many worms, and the scroll of her sins as long as the Araxes. She is gluttonous and unkempt. She sells her body. Her abortions number eleven.*

16 No original: *[i]f things go according to [her] plan; Yahweh will have to stage another flood.*

deve ser eliminado, e se uma catástrofe é o meio para alcançá-lo, que seja, mesmo que Deus estabeleça o pacto com Noé, no qual afirma que nunca irá destruir a terra por meio de um dilúvio novamente (Gn 9: 15). Fora do contexto bíblico, porém, a ocorrência de grandes enchentes foi uma constante, uma vez que, como observou De Villiers (2010, p.189), “[m]uitos milhares de pessoas se afogaram, ao longo dos séculos da história humana, em uma enchente ou outra. ... A inundação foi a mais destruidora de todas as calamidades naturais”¹⁷.

Mesmo que Sheila esteja ciente de sua “natureza maligna” e seu lugar na divisão do mundo de Deus, ela não deixou de pensar em como foi injusta a morte de seu filho e de outras pessoas que não seriam consideradas pecadoras. Em uma conversa com Ham, um dos filhos de Noé, ela comentou, enquanto alimentavam as serpentes: “Quando destrói meus filhos indesejados, foi assassinato. Quando o Senhor fez o mesmo, foi eugenia. Você aprova o universo, Ham?” (TD, p. 11)¹⁸. Sheila chama a atenção para os diferentes julgamentos atribuídos às a oes de Deus e dos humanos, apontando como a divindade e sua cria o são semelhantes quando se trata de julgar e condenar, diferindo somente pelas rela oes hierárquicas.

17 No original: *[m]any thousands of people have drowned, over the centuries of human history, in one flood or another. ... Flooding has been the most life-destroying of all natural calamities.*

18 No original: *When I destroyed my unwanted children, it was murder. When Yahweh did the same, it was eugenics. Do you approve of the universe, Ham?*

Nesse sentido, Sheila age como Deus na maneira como se relaciona com as outras formas de vida, apesar das perspectivas e julgamentos de valores diferentes. A visão teocêntrica coloca a vontade de Deus como superior à de toda a sua criação. Nela, com exceção dos pares de animais, todos os não humanos são condenados, mesmo estando fora da categoria dos iníquos. Já a visão de Sheila é claramente antropocêntrica, uma vez que coloca os valores e necessidades humanas acima do mundo não humano. Esse posicionamento é enfatizado em pelo menos duas ocasiões. Primeiro, enquanto flutua à deriva nas águas da inundação, faminta, o instinto de sobrevivência a faz devorar uma das tartarugas que nadavam próximas a ela. A cena é horrível, a forma como as tartarugas são descritas reforçam a sua fragilidade face ao dilúvio e à injustiça da morte dos animais. Perdidas no meio do dilúvio como Sheila, elas não se afogam, de acordo com o desejo de Deus, mas terminam como alimento para um ser humano. Seja de acordo com as perspectivas de Deus ou de Sheila, os animais estão condenados, uma vez que ambos, Sheila e divindade, não estabelecem “um senso de integração social da natureza humana e não humana” (CALLICOT, 1998, p. 107)¹⁹. Sheila escolhe ser predadora em vez de demonstrar solidariedade por compartilhar o mesmo destino desesperado no dilúvio.

Um segundo momento na narrativa, que ressalta essa ausência de conexão, ocorre quando Shem, outro filho de Noé, mostra-lhe a arca. Na perspectiva de Sheila, o lugar é como um zoológico insano. O dilúvio faz da arca um

19 No original: *a sense of social integration of human and nonhuman nature.*

lugar, se não de integração, pelo menos de coexistência necessária, ainda que motivada por uma ordem divina. Durante todo o dilúvio e a espera pelo abaixamento das águas, os humanos e os não humanos precisam aprender a lidar uns com os outros. Sheila não consegue entender essa dimensão enquanto alimenta os animais. Na verdade, ela pergunta por que, afinal, eles mereciam estar na arca:

Sheila gosta de Shem, mas não desse zoológico flutuante, essa excursão maluca. Todo o arranjo a enfurece. Cobras vivem aqui. Vespas, seus ferrões prontos para cuspir venenos. (...) Tarântulas, ratos, caranguejos, doninhas, tatus, tartarugas, javalis, bactérias, vírus: Javé poupou a todos (TD, p. 9, ênfase adicionada)²⁰.

A conexão de Sheila é com Shem, não com o “zoológico”. Ela adota uma perspectiva que Goralnik e Nelson (2012, p. 145) definem como um “antropocentrismo estreito”, o qual vê os “humanos isolados e desconsidera as relações não humanas como importantes para a tomada de decisões”²¹. Na visão de Sheila, um suposto “lado negativo” dos animais é enfatizado: as cobras e as vespas são venenosas, artrópodes, mamíferos ou micro-organismos, todos parecem ser iguais para ela, e igualmente desmerecidos

20 No original: *Sheila likes Shem, but not this floating menagerie, this crazy voyage. The whole arrangement infuriates her. Cobras live here. Wasps, their stingers poised to spew poisons. (...) Tarantulas, rats, crabs, weasels, armadillos, snapping turtles, boar-pigs, bacteria, viruses: Yahweh has spared them all.*

21 No original: *humans in isolation and disregard nonhuman relationships as unimportant for decision making.*

da clemência de Deus. Suas reflexões reforçam uma visão antropocêntrica, ao priorizar a vida humana em relação aos demais organismos: “Meus amigos não eram piores que uma tarântula, Sheila pensa. Meus vizinhos eram tão importantes quanto doninhas. Meu filho tinha mais valor do que o antraz”(TD, p. 9)²². Em sua concepção, se Deus decidiu salvar vidas no dilúvio, apenas vidas humanas deveriam ser poupadas.

“The deluge” parece ir contra uma premissa da ecoteologia, a qual percebe “o mundo físico (a terra ou todo o universo) como uma esfera da ação e do cuidado de Deus” (DALTON, SIMMONS, 2010, p. XIII)²³. Deus não cuida do planeta, ele o destrói quando decide que a humanidade não segue seus preceitos a contento. Ao fazer isso, condena todas as formas de vida e toda a matéria a perecer na catástrofe que cria. Reside aí a natureza subversiva do conto: primeiro, ao questionar a visão de um criador zeloso e bom; segundo, ao enfatizar uma frágil conscientização da ideia de “malha”, ou “entrelaçamento”, ou seja, “a interconexão entre todas as coisas vivas e não vivas” (MORTON, 2010, p. 28)²⁴ em uma narrativa mestra da cultura ocidental. Tais reflexões abrem espaços para questionamentos e ações que desafiam o antropocentrismo que prevalece nas perspectivas sobre

22 No original: *My friends were no worse than a tarantula, Sheila thinks. My neighbors were as important as weasels. My child mattered more than anthrax.*

23 No original: *the physical world (earth or entire cosmos) as a sphere of God's action and caring.*

24 No original: *the interconnectedness between all living and non-living things.*

as questões ecológicas e de alteridade, principalmente nas interações com o não humano.

Criando Zenobia e a consciência ecocêntrica

Se por um lado, “The deluge” está aberto a interpretações que enfatizam uma perspectiva antropocêntrica em relação à biosfera, “Daughter earth”, por sua vez, reforça um apelo à conscientização ecológica e à adoção de uma visão ecocêntrica. Ao comentar sobre o conto, Wolfe observa que “Morrow vai além da pseudociência imaginária e totalmente na direção do surrealismo, já que uma mãe dá à luz uma Terra em miniatura, uma biosfera global completa com oceanos e um padrão de evolução rapidamente acelerado” (1996, p. X)²⁵. O enredo, obviamente, pertence à esfera do fantástico, mas se torna “naturalizado” à medida que Ben e Polly, pais de Zenobia (nome dado para a filha/biosfera no conto), aceitam natural e plenamente que sua filha é “redonda como uma bola”, com dois hemisférios, oceanos e continentes. Ao longo da história, o que acontece com Zenobia, enquanto ela se desenvolve, torna-se uma metáfora para enfatizar os danos ao planeta provocados pelas ações humanas.

O próprio título do conto propõe uma mudança na antiga (e flexível) metáfora da Terra, ou natureza, como a nossa

25 No original: *Morrow moves beyond imaginary pseudoscience and fully in the direction of surrealism, as a mother gives birth to a miniature Earth, a global biosphere complete with oceans and a rapidly accelerated pattern of evolution.*

mãe, “uma fêmea gentilmente beneficente que [supre] as necessidades da humanidade em um universo ordenado e planejado” (MERCHANT, 1983, p. 2)²⁶. Uma espécie de contrametáfora também a identifica com uma “natureza selvagem e incontrolável, que poderia causar violência, tempestades, secas e caos geral”, dependendo de qual aspecto era necessário ser enfatizado (MERCHANT, 1983, p. 2)²⁷. A noção de “mãe natureza” recuou com o progresso científico contínuo e as tentativas da humanidade de “escapar ou, em qualquer caso, distinguir-se da natureza” (LATOURET, 2017, p. 14)²⁸. No entanto, a metáfora permaneceu, pelo menos no senso comum, se não mais como uma “mentalidade orientada organicamente”²⁹ (MERCHANT, 1983, p. 3). Ao inverter a ideia de que as criaturas são todas filhas da Terra e, portanto, devem ser cuidadas por ela, o conto problematiza a questão de quem cuida de quem e de que formas isso acontece.

Ben, o narrador do conto, e sua esposa, Polly, são fazendeiros na Pensilvânia. Eles vivem uma vida rural, em conexão direta com a terra e como esta é explorada e trabalhada. O casal publica um boletim para se comunicar com clientes e vizinhos, cujo título, *Down to Earth*, faz uma alusão à conexão com a terra e também remete à ideia de realidade e praticidade. Na edição de abril, Ben comenta que

26 No original: *a kindly beneficent female who [provides] for the needs of mankind in an ordered, planned universe.*

27 No original: *wild and uncontrollable nature that could render violence, storms, droughts, and general chaos.*

28 No original: *to escape from, or in any case be distinguished from, nature.*

29 No original: *organically oriented mentality.*

adicionaram “a rotenona somente após a colheita [de aspargos] terminar, portanto não há resíduos de pesticidas neles” (DE, p. 26)³⁰, mostrando que suas práticas são mais alinhadas com uma noção de agricultura sustentável e que estão conscientes da necessidade de minimizar agressões ao meio ambiente e às pessoas. Esse é a caracterização para os pais que criarão Zenobia, não um ser humano, mas um organismo vivo, que remete à Gaia de Lovelock e é apresentada como uma espécie de réplica da biosfera, uma metáfora direta para expressar a relação entre os humanos e o planeta.

Como o conto se insere nas premissas da ficção fantástica, ou seja, envolve situações que não ocorreriam na realidade, mas que são plausíveis dentro do universo ficcional apresentado. Assim, a existência de Zenobia, sua gestação, nascimento, crescimento e destino final, pelo menos para seus pais e irmão, são prontamente assimilados e naturalizados, mesmo após a constatação de que ela não é um ser humano. A perspectiva científica e “realista”, incorporada nos personagens simbolicamente nomeados Dr. Borealis, Abner Logos e Susan Croft, tenta lidar racionalmente com

30 No original: *the rotenone only after the [asparagus] harvest has stopped, so there is no pesticide residue on the spears themselves.*

o inusitado da situação³¹. Na primeira sessão de ultrassonografia, o Dr. Borealis, estupefato com as imagens que vê, revela ao casal que, se o que está no útero de Polly é “um tumor, provavelmente é benigno” (DE, p. 17)³². Exames médicos mostraram que não é um tumor, mas o Dr. Borealis os aconselha a não seguir adiante com a gravidez porque “[e]sse tecido fetal não pode ser rotulado com precisão como um bebê”, mas uma biosfera (DE, p. 20)³³. Seja um ser humano ou uma biosfera, o casal reafirma que ela lhes pertence e que serão capazes de dar a ela um bom lar, como afirma Polly.

Apesar da opinião contrária de Borealis, a gravidez chega ao fim e Zenobia nasce, para o completo espanto da equipe médica e deleite de seus pais. Ben descreve a geografia da filha, enfatizando sua beleza: “Zenobia brilhava. Ela cheirava a ozônio. Ela estava envolta nas intempéries — em uma fina camada de nuvens e névoa. E que lindas montanhas nós vislumbramos através das brechas em sua atmosfera,

31 Borealis significa “a norte”. A direção norte é associada à ideia de avanço, progressão, rumo. Nesse sentido, o Dr. Borealis do conto pode representar uma ideia de progresso como teleologia. Abner Logos representa claramente o discurso científico, racional e baseado em evidências factuais. O sobrenome de Susan, Croft, significa “pequeno campo ou fazenda”, que é o lugar onde Ben e Polly vivem e constroem suas conexões ecológicas. A equipe de médicos sempre tenta racionalizar negativamente a existência de Zenobia, categorizando-a como uma alteridade a ser descrita e compreendida por um discurso científico, ao invés de acolhê-la e abraçá-la como fazem Polly e Ben. A perspectiva científica tenta determinar o destino de Zenobia na história. Seu nome também é simbólico, significando “vida de Zeus”, o mais poderoso dos deuses gregos.

32 No original: *a tumor, it's probably benign.*

33 No original: *[t]his fetal tissue cannot be accurately be labeled a baby.*

que vales exuberantes, desertos maravilhosos, planaltos esplêndidos, lagos radiantes (DE, p. 24)³⁴. Acolher e zelar por essa diversidade e beleza é a tarefa dos pais de Zenobia, ou seja, todos nós, como pode ser inferido no conto. Ao amamentar a filha logo após seu nascimento, “segurando Zenobia pelos dois arquipélagos opostos, [pressionando] o polo norte contra sua carne” (DE, p. 25)³⁵, Polly ilustra, nesse abraço amoroso, como pode operar uma prática de cuidado e consideração em relação à biosfera.

O nascimento de Zenobia é anunciado na edição de abril de *Down to Earth* após a volta da família à rotina da fazenda. Os pais de Ben não demonstram sua estranheza em relação à neta, agindo da forma mais natural possível, dando-lhe presentes e planejando ensiná-la a pescar. Contudo, o irmão mais velho, Asa, fica enciumado com a presença de Zenobia. O desenvolvimento dela torna-se um paralelo para as idades do planeta à medida que cresce: a vida começa em suas águas, os dinossauros aparecem. E ela começa a sofrer o impacto das ações de outras pessoas quando lidam com ela. Metaforizados na narrativa do irmão mais velho que importuna o caçula por ciúmes, os efeitos da poluição e do desmatamento são evidenciados. Asa joga óleo lubrificante nos oceanos de Zenobia, e corta suas árvores com uma lâmina de barbear. Quando seus

34 No original: *Zenobia glowed. She smelled like ozone. She was swaddled in weather – in a wispy coating of clouds and mist. And what lovely mountains we glimpsed through the gaps in her atmosphere, what lush valleys, wondrous deserts, splendid plateaus, radiant lakes.*

35 No original: *grasping Zenobia by two opposite archipelagos, [pressing] the North Pole against her flesh.*

pais o confrontam por tais ações, ele responde que odeia a irmã. O comportamento de Asa simboliza o posicionamento daqueles que são incapazes de estabelecer empatia com a biosfera, degradando-a e explorando-a de forma predatória, conscientemente, ou não. Não por acaso, tudo o que acontece com Zenobia resulta das maneiras como as pessoas interagem com ela, como observa Ben: “Segundo Asa, os eventos em sua irmã estavam diretamente ligados ao clima emocional em torno da Garber Farm” (DE, p. 32)³⁶. Depois de constatar mudanças nos oceanos, atmosfera e geleiras de Zenobia — todas remetendo ao efeito estufa e às mudanças climáticas — a família concorda em mudar seu comportamento para que ela possa ficar bem: “Nós prometemos ser bacanas uns com os outros. De alguma forma, parece imoral vincular uma biosfera a uma coisa tão arriscada quanto os altos e baixos emocionais de uma família americana” (DE, p. 33)³⁷. A decisão da família, para além de ironizar o posicionamento instável dos governos a respeito de suas políticas ambientais, ressaltando que o planeta não deve ser refém do que for mais conveniente para este ou aquele governo, soa também como um apelo à conscientização ecológica, salientando que o planeta não deve ser submetido às ações humanas sem que ocorra uma reflexão dos seus impactos sobre ele.

36 No original: *According to Asa, events on his sister were directly connected to the emotional climate around Garber Farm.*

37 No original: *We've promised to be nice to each other. It seems immoral, somehow, to bind a biosphere to anything as chancy as the emotional ups and downs of an American family.*

As passagens do conto que relatam a extinção dos dinossauros de Zenobia e a ocorrência de chuva ácida chamam a atenção para a necessidade de ser vigilante e cuidadoso, a fim de evitar consequências terríveis para os ecossistemas. Na primeira passagem, crianças confundem Zenobia com uma bola de futebol e atiram-na no canil, para que os cães brinquem com ela. Os cães “arranharam suas calotas polares, mastigaram suas ilhas e lamberam seus oceanos” (DE, p. 34)³⁸. Por causa desse ataque, seus dinossauros desaparecem, para grande angústia de Zenobia e consternação de toda a família. São fabulações que Morrow articula de forma a ressignificar acontecimentos cruciais na vida do planeta, como a grande extinção dos dinossauros ocorrida há milhões de anos. Na segunda passagem, ao medir o pH das chuvas de Zenobia (como se mede a temperatura de uma criança com febre), Asa comunica a Ben que ele está bem mais baixo do que deveria, o que indica ocorrência de chuva ácida³⁹, para estupefação de Ben: “Chuva ácida”, eu disse. “Como poderia ser? Ela nem tem pessoas! “Eu sei, pai, mas *nós* temos” (DE, p. 34, ênfase no original)⁴⁰. A última frase de Asa evidencia, novamente, a responsabilidade humana em relação aos recorrentes problemas ambientais, entre os quais a chuva ácida. O que acontece com Zenobia é o que acontece com a biosfera real. Somos

38 No original: *scratched her ice caps, chewed on her islands, lapped up her oceans.*

39 O fenômeno da chuva ácida ocorre quando gases poluentes como óxidos de enxofre e nitrogênio reagem com a água da chuva, formando ácidos que causam grandes danos ecológicos.

40 No original: *“Acid rain?” I said. “How could that be? She does not even have people! “I know, Dad, but we do.*

“nós” que acionamos os processos que levam à ocorrência contínua desses fenômenos de degradação ecológica.

O destino de Zenobia é decidido quando o Dr. Borealis e Abner Logos propõem a Ben e Polly comprá-la para utilização em novos estudos, usando-a como um simulacro para os desastres ambientais. Escorados em um discurso científico, justificam a decisão de maneira prática e racional: “Se os cientistas puderem, finalmente, oferecer um cenário irrefutável de colapso ecológico, então os governos do mundo podem realmente começar a escutar, e o Asa crescerá em um planeta mais seguro e limpo. Todos se beneficiam” (DE, p. 38)⁴¹. O que Borealis e Logos apontam é que ações e políticas afirmativas sobre problemas ambientais só acontecerão diante de evidências científicas apresentadas aos “governos do mundo”, os quais, como observa Latour, “ainda que confrontando a mutação ecológica (...) permanecem paralisados, indiferentes, desiludidos, como se, no fundo, nada nos pudesse acontecer” (2017, p. 190)⁴². Polly e Ben recusam sacrificar a filha por causa da insensibilidade das pessoas e tomam uma decisão radical: em uma noite estrelada, permitem que Zenobia ascenda para o espaço sideral, atraída pela força dos corpos celestes. Preferiram perdê-la a transformá-la

41 No original: “*If scientists can finally offer an irrefutable scenario of ecological collapse, then the world’s governments may really start listening, and Asa here will get to grow up on a safer, cleaner planet. Everybody benefits.*”

42 No original: *yet, facing the ecological mutation (...) remain frozen, indifferent, disillusioned, as if, at the bottom, nothing could happen to us.*

em uma cobaia a serviço de uma ciência míope, que não conseguia apreender sua real dimensão.

O final do conto sugere que Polly e Ben estavam certos. A história de Zenobia no boletim *Down to Earth* é lida por congressistas, que articulam leis de proteção ao planeta. Como resultado, o presidente assina o Ato de Conservação de Caracalla, sem que houvesse a necessidade de degradar Zenobia para que todos pudessem acreditar no que pode acontecer quando existe uma sensibilização sobre os problemas ambientais. A questão da sensibilidade, como Latour explica, parece ser mais envolvente do que mostrar uma biosfera devastada por atividades predatórias humanas: “É isto que significa viver no Antropoceno: “sensibilidade” é um termo que é aplicado a todos os atores capazes de propagar seus sensores um pouco mais e fazer os outros sentirem que as conseqüências de suas ações vão recair sobre eles, virão assombrá-los” (2017, p. 141)⁴³. Ao antropomorfizar a biosfera por meio de Zenobia, o conto mostra que também é necessária, como salienta um dos personagens do conto, “uma parábola pertinente (...), a metáfora correta” (DE, p. 44)⁴⁴, capaz de levar da sensibilização à ação.

Narrativas são centrais para a experiência humana como uma maneira de dar sentido ao mundo e construir uma

43 No original: *This is what it means to live in the Anthropocene: “sensitivity” is a term that is applied to all the actors capable of spreading their sensors a little farther and making others feel that the consequences of their actions are going to fall back on them, come to haunt them.*

44 No original: *a pertinent parable (...) the right metaphor.*

ideia da realidade. No que se refere à questão da interconectividade entre o humano e o não humano, a narrativa pode operar, segundo Zapf (2016, p. 95) como “metadiscurso cultural-crítico”, o qual desafia a rigidez dos padrões de pensamento; e também como “contradiscurso imaginativo”, que possibilita e empodera alternativas. Os contos analisados podem ser inseridos nessas categorias, simultaneamente. “The deluge” promove uma crítica e reflexão sobre as relações entre religião e ecologia, ao explicitar o predomínio do divino sobre o humano e de ambos sobre o não humano, com seus nefastos impactos para o planeta. “Daughter earth”, por sua vez, critica um discurso científico antropocêntrico e enfatiza como os seres humanos devem estar cientes da interconectividade da “malha”, atuando na sua manutenção e equilíbrio, em nome da permanência da vida no planeta. Pela perspectiva da ecocrítica, ambos os contos repensam valores e atitudes derivados dessa visão antropocêntrica, e fazem um apelo (de forma direta, como em “Daughter earth”, ou de forma reversa, como em “The deluge”), à construção de uma ampla consciência ecocêntrica, voltada para a harmonização do humano e o não humano em uma biosfera que a todos envolve e necessita ser por todos abraçada.

Agradecimento

Esse artigo é resultado de participação, apoiada pela UEMG e pela FAPEMIG (Processo: PCI-00490-18), no projeto NARMESH, desenvolvido na Universidade de Gent e coordenado pelo professor Marco Caracciolo. Agradeço

ao professor Caracciolo, Gry Ulster e Shannon Lambert, pela leitura cuidadosa do texto e valiosas sugestões para o seu aperfeiçoamento.

Referências

- GÊNESIS. *In: BÍBLIA: tradução ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1994.
- BÍBLIA: tradução ecumênica. **Gênesis**. São Paulo: Loyola, 1994.
- BUEL, Lawrence *et al.* Literature and environment. **Annual Review of Environment and Resources**. Palo Alto, CA. v. 36, p. 417-440, 2011.
- CALLICOTT, J. Baird. The conceptual foundations of the land ethic. *In: ZIMMERMAN, Michael E. et al. (Ed.). Environmental philosophy: from animal rights to radical ecology*. 2. ed. Upper Saddle River: Prentice-Hall, 1998, p. 101-123.
- CLARK, Timothy. **Ecocriticism in the edge: the anthropocene as a threshold concept**. London: Bloomsbury, 2015.
- CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. The anthropocene. **The International Geosphere – Biosphere Programme (IGBP)**. Stockholm, v. 41. p. 17-18, May 2000.
- DALTON, Anne Marie; SIMMONS, Henry C. **Ecotheology and the practice of hope**. Albany: SUNY Press, 2010.
- DE VILLIERS, Marq. **The end: natural disasters, manmade catastrophes, and the future of human survival**. New York: Saint Martin's Griffin, 2010.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FRYMER-KENSKY, Tikva. The Atrahasis epic and its significance for our understanding of Genesis 1-9. *In: DUNDES, Alan (Ed.). The flood myth*. Oakland, CA: University of California Press, 1988, p. 61-73.
- GORALNIK, L., NELSON, M.P. Anthropocentrism. *In: CHADWICK, Ruth (Ed.). Encyclopedia of applied ethics*, 2. Ed., v. 1. San Diego: Academic Press; 2012, p. 145-155.
- IOVINO, Serenella. Posthumanism in literature and ecocriticism. **Relations**. Milano, v. 4, n. 1, p. 12-20, 2016.

- KAPLAN, E. Ann. **Climate trauma**: foreseeing the future in dystopian film and fiction. New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press, 2016.
- KERMODE, Frank; ALTER, Robert (Ed.). **The literary guide to the Bible**. 8 ed. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- LATOUR, Bruno. **Facing Gaia**: eight lectures on the new climatic regime. Translated by Catherine Porter. Cambridge: Polity Press, 2017.
- LOVELOCK, James. **Gaia**: a new look at life on Earth. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MERCHANT, Carolyn. **The women, ecology, and the scientific revolution**. San Francisco: Harper, 1983.
- MILES, Jack. **God**: a biography. New York: Vintage, 1996.
- MORROW, James. The deluge. *In*: MORROW, James. **Bible stories for adults**. New York: Harcourt Brace, 1996. p. 1-14.
- MORROW, James. Daughter earth. *In*: MORROW, James. **Bible stories for adults**. New York: Harcourt Brace, 1996. p. 15-45.
- MORTON, Timothy. **The ecological thought**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010.
- OPPERMANN, Serpil *et al.* (Ed.). **The future of ecocriticism: new horizons**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2011.
- RIGBY, Kate. **Dancing with disaster**: environmental histories, narratives, and ethics for perilous times. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2015.
- WOLFE, Gary K. An audience with the abyss: James Morrow's Short Fiction. *In*: MORROW, James. **Reality by other means**. Middletown: Connecticut Wesleyan University Press, 2015, p. VII-XVI.
- ZAPF, Hubert. **Literature as cultural ecology**: sustainable texts. London: Bloomsbury Academic, 2016.